

1. HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DOS JARDINS

Ao longo da História os jardins sempre estiveram presentes como testemunha do momento cultural, das riquezas e da religiosidade dos povos.

Os jardins da Antiguidade eram instalados no interior ou no entorno de palácios, em áreas planas ou em patamares, e plantavam-se frutas, legumes e flores para alimentação e também para a celebração de rituais.

De acordo com historiadores os jardins egípcios foram implantados há cerca de 4.000 anos e eram orientados de acordo com os pontos cardeais. Eram caracterizados por linhas retas e formas geométricas simétricas e fortemente influenciados pela astrologia e pela crença em deuses. Dentre as plantas cultivadas destacavam-se frutíferas, palmeiras, papiros e flor de lótus.

Os jardins mais famosos da Antiguidade foram os Jardins Suspensos da Babilônia (605-652 a.C.), foi construído pelo rei Nabucodonosor em oferecimento a sua esposa. Este jardim foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo pelo fato de representar uma ousada obra de engenharia, pois era composto por uma sucessão de terraços que eram irrigados. Os terraços dispunham-se em patamares ascendentes na encosta de um morro até a altura de 100 metros, de onde se descortinava a paisagem circundante. Esses jardins assemelhavam-se ao estilo persa, que se manifestou aproximadamente no ano de 500 a.C., influenciado pelos estilos egípcio e grego, mas com características novas, com maior número de detalhes e uso de plantas floríferas e perfumadas. A vegetação, ainda disposta simetricamente, passa a ser utilizada não apenas por seu valor utilitário, mas pela aparência ornamental.

Os jardins persas eram influenciados pelo islamismo e apresentavam elementos da natureza como, terra, fogo, ar e água, representados em quatro quadrantes e cortado por dois canais. Nestes jardins cultivavam-se frutíferas, plantas ornamentais e aromáticas. O jardim persa, mais tarde, influencia o jardim árabe e, no século XIII, aparece na Espanha um estilo originário de ambos, o jardim hispano-árabe, doméstico, íntimo, com vegetação graciosa e

generosamente distribuída, água em repuxos, pisos elaborados mas de aparência natural.

Na Grécia antiga os jardins eram locais sagrados, com vegetação nativa e sem interferência humana. Os gregos não aprovavam os jardins do oriente e cultivavam jardins utilitários, com legumes para o consumo, trigo para o pão, frutíferas, oliveiras e algumas flores. Apesar do predomínio do pensamento racional, as formas dos jardins buscavam sempre a natureza.

JARDINS ROMANOS

O jardim romano foi influenciado pelas artes gregas, com monumentos e estátuas, e integrava-se às residências. Os jardins eram metódicos e ordenados, os muros eram revestidos com trepadeiras. O elemento mais valorizado era a arquitetura; a idéia predominante, a interpenetração da casa e do jardim. Muitas vezes, para ampliar a sensação de interpenetração, os muros do fundo do jardim eram pintados com paisagens, árvores, fontes e outros elementos. Cultivavam-se plantas ornamentais e plantas úteis.

Segundo historiadores a utilização da arte topiaria foi inventada pelos jardineiros romanos que utilizavam plantas como o cipreste, buxo e louro. As plantas arbóreas eram bastante cultivadas, como coníferas, plátanos, amendoeiras, pessegueiros, macieiras e as plantas úteis para alimentação e condimentos já faziam parte do espaço denominado “hortus” (horta).

Os jardins romanos completavam as casas e eram projetados para serem utilizados todas as horas do dia, incluindo áreas ensolaradas e sombreadas. Nesses jardins não ocorriam extensas perspectivas e era comum a utilização de terraços em vários níveis.

JARDIM MEDIEVAL

Na idade média a concepção de jardins foi marcada pela simplicidade. Os jardins eram cultivados nos mosteiros e castelos, em espaços planos e fechados. Neles se cultivavam plantas úteis para alimentação, medicinais e floríferas para a ornamentação de altares.

Geralmente estes jardins eram contornados por cercas revestidas por trepadeiras ou espécies arbustivas. Os caminhos cortavam-se em ângulos retos, evocando a cruz cristã.

Nos mosteiros o pensamento religioso aproximava os monges do ideal de paraíso encontrado na natureza e os próprios religiosos cultivavam as plantas. Nestes locais muitas plantas aromáticas e medicinais eram utilizadas.

A construção de labirintos nos jardins de castelos são relatados neste período, assim como a arte de dobrar ramos para formar alamedas.

As pinturas, não testemunharam grande desenvolvimento na arte dos jardins existentes naquela época, fato que segundo historiadores comprometeram a descrição dos mesmos.

RENASCIMENTO

O período do Renascimento na Europa, depois da Idade Média, influenciou fortemente o estilo dos jardins. O culto da forma fazia com que as plantas fossem interpretadas como esculturas que se integravam à imponência das construções. Os jardins europeus do século XV ao século XVIII são suntuosos e elaborados, e incluíam elementos como estátuas e fontes.

Esses jardins assumem características próprias em cada país. Na Itália, são mais volumosos e opulentos; na França predominava a vegetação de porte baixo, de modo a revelar totalmente a grandiosidade das construções. Neste período as formas geométricas e a simetria predominam e a arquitetura é muito valorizada.

O estilo denominado clássico iniciou com o renascimento italiano. A cidade de Florença (séc. XIV) era a capital da pintura e dos jardins. Neste período muitos elementos da Antiguidade, como divindades pagãs eram elementos de destaque nos jardins.

JARDIM ITALIANO

O jardim italiano, no período renascentista, teve forte presença em propriedades situadas no campo, por serem locais mais frescos. Foi neste período que os arquitetos começaram a fazer intervenções na arte dos jardins, tornando-os ordenados e opulentos. O acesso as residências era feito por meio de uma sucessão de escadarias, rampas e terraços. O eixo central da residência permanecia em destaque, localizando-se na parte mais alta do terreno.

A água era um elemento constante e de destaque nos projetos. Em terrenos acidentados eram instaladas escadarias de pedra com corredeiras de água, e em locais planos era comum a presença de fontes monumentais. Em alguns jardins havia grutas, que marcavam as nascentes de água.

Outros adereços como estátuas, pórticos, pergolados, colunas e belvederes destacavam-se nos jardins. O jardim se tornava mais verde e com áreas sombreadas à medida que se afastava da casa. A presença do verde era marcada pelo uso de espécies como ciprestes, tuias, buxinhos (em topiarias), louros, azinheiros e oliveiras.

JARDIM FRANCÊS

Na França, no período do Renascimento os reis e senhores de posse também tiveram seus jardins. O estilo italiano predominava nas principais características dos jardins, mais aos poucos a tradição francesa foi se impondo.

O jardim clássico francês era caracterizado por plantações baixas,

permitindo maior destaque e visibilidade das construções. De maneira geral, a composição predominante era constituída por topiarias, que podiam conter canteiros com plantas floríferas para maior destaque na primavera-verão.

O uso da perspectiva em grandes espaços tinha o objetivo de causar admiração, mostrar o poder e a superioridade do proprietário. Os jardins eram construídos com um plano geométrico preciso e metódico, sendo orientado por caminhos em dimensões monumentais.

Neste período o paisagista mais famoso foi André Le Nôtre que inicialmente ficou conhecido pelo jardim do castelo Vaux-le-Vicomte, pertencente ao ministro das finanças francês. Le Nôtre foi influenciado pelo estilo italiano, mas tinha um estilo próprio voltado para a exuberância e admiração.

O rei Luís XIV ao visitar o castelo Vaux-le-Vicomte ficou enciumado e sob alegação de desvio de dinheiro público, mandou prender o proprietário. Em seguida contratou Le Nôtre para projetar um jardim ainda mais magnífico, nos arredores da cabana de caça de seu pai, em Versalhes.

O Jardim de Versalhes contemplou uma área de 732 hectares, com 3 km de comprimento. Nesses jardins a grandiosidade era exaltada pela perspectiva e rigoroso traçado simétrico. A construção de urnas, vasos e imagens eram feitas inicialmente em gesso e depois da aprovação do rei, eram esculpidas em mármore.

Em Versalhes, os jardins foram estruturados em uma série de terraços abertos onde eram construídos canteiros elaborados com topiaria em buxinhos. Os espaços internos dos canteiros eram preenchidos com flores coloridas, e os externos por pedras brancas trituradas, para contrastar com o verde da topiaria.

A topiaria também estava presente em árvores, e as plantas também eram consideradas elementos da arquitetura. As plantas eram dispostas de forma alinhada e conduzidas em formas geométricas. O gramado era denominado de “tapete verde” e apresentava-se sempre de maneira impecável. Os vasos de plantas, as esculturas em mármore e demais elementos também

seguiam um alinhamento formal.

JARDIM INGLÊS

No século XVIII, paralelamente ao aparecimento do Romantismo, surge o jardim inglês naturalista ou paisagista que busca a volta à natureza.

O jardim inglês diferenciava-se do francês em vários aspectos, incluindo a diversidade de plantas. A princípio o jardim inglês parecia ser informal, pelo cultivo livre e de grande variedade de flores, mas era muito detalhado com relação as espécies e a composição em si. O planejamento era formal, mas a implantação era informal. No jardim inglês a delimitação dos espaços, por muros e sebes, era muito utilizada.

As espécies herbáceas anuais e as perenes arbustivas se misturavam com bulbosas, flores silvestres e forrações. O destaque da composição poderia ser uma árvore, um lago ou uma vista panorâmica.

Este estilo paisagístico incluía gramados extensos e bem cuidados. O jardim seguia uma orientação assimétrica, o que permitia aos usuários o efeito de descoberta e surpresa. O projeto era definido pelo grupo de árvores, sendo comum o emprego de árvores nativas, que podiam incluídas ou removidas da paisagem, conforme a intenção projetual e a vista a ser alcançada.

Os elementos arquitetônicos utilizados remetiam a época da Antiguidade, sendo utilizadas ruínas ou formas mais exóticas como os pagodes chineses, pontes indianas e arcos góticos. A água era sempre atrativa, na forma parada ou em movimento, formava extensos espelhos d'água ou lagos.

Este estilo de jardim foi utilizado em parques e jardins públicos para proporcionar áreas livres e abertas em áreas urbanas.

O estilo inglês passou por uma evolução nos séculos XIX e XX e foi denominado de Jardim Eclético Inglês pelo fato de ser desenvolvido em direção a um tema principal, que ordenava a paisagem em harmonia com a natureza.

JARDIM ORIENTAL: CHINÊS E JAPONÊS

O início da jardinagem na China data de 2000 a.C. e passou ao Japão no século VI, sendo transformando pela cultura e interpretação japonesas. Tanto na China como no Japão, o jardim era voltado à recriação da natureza, e o ponto em comum entre os dois era a presença de uma montanha ou um lago.

O jardim chinês era um jardim fundamentado na contemplação, imobilidade e silêncio. E os elementos que o compunham assumiam significado simbólico, transmitindo mensagens espirituais.

Os jardins eram construídos em função da topografia, clima e vegetação existentes, sem se prenderem as formas rígidas e simétricas. Essa concepção projetual influenciou os jardins ingleses do século XVIII.

A presença de uma montanha e de água sempre foram elementos marcantes do jardim chinês. A água estava presente em vários espaços do jardim e a montanha e o lago representava uma imagem do paraíso. As pedras eram consideradas elementos de grande beleza e eram utilizadas para contornar a água, ladear caminhos e criavam espaços para a meditação. Outros elementos como areia, edificações, pontes e lanternas eram utilizados com o desejo de unir a vida cotidiana com a natureza.

Os jardins japoneses também eram apropriados para meditação e repletos de simbologia. Em sua aparente simplicidade, eram extremamente elaborados, e neles, cada detalhe assumia grande importância. O princípio da arte nos jardins japoneses consistia em concentrar a atenção no essencial, seja nas formas precisas ou na vegetação utilizada.

Assim como no jardim chinês os elementos como água, pedras, cascalho, pontes e lanterna eram utilizadas para compor uma paisagem elaborada. Os caminhos de pedras de formatos irregulares permitiam atravessar o jardim e proporcionavam também a conservação dos caminhos de areia. A areia era utilizada para representar a água nos jardins que não a

possuíam.

Somente se utilizavam plantas perenes para se ter uma estabilidade da paisagem o ano todo. Pinheiros, cerejeiras, camélias, azaléias, bambus e grama japonesa são normalmente alguns dos elementos vegetais presentes. Dentre as árvores, a preferida era o *Acer*, com suas variações de cores e folhas e algumas espécies de pinus com formas e texturas variadas. Entre as frutíferas cultivavam-se a amendoeira e a cerejeira.

Nos lagos a presença de carpas era sempre constante, e possuía uma simbologia voltada para a fecundidade. A água também simbolizava os momentos de calma, e os momentos de agitação quando em movimento.

JARDINS: ÁRABE E ESPANHOL

O jardim islâmico era quase sempre de forma retangular e fechado por muros. Nesses jardins tudo era baseado no livro do Alcorão e a geometria rigorosa era amenizada pelas árvores e plantas de porte menor.

As plantas utilizadas pelos árabes eram semelhantes as do jardim persa: rosas, narcisos, jasmims, alfazemas, primavera, ciprestes, plátanos. Também havia maciços verdes onde se misturavam frutíferas com plantas ornamentais.

O elemento principal era a água, que era usada tanto para a ornamentação quanto para refrescar os ambientes. As formas usadas podiam variar: canais, pequenos riachos e fontes. Áreas perfumadas e coloridas com o plantio de flores também existiam.

A tradição deste estilo de jardim foi muito forte e foi transferida para outros povos que se converteram ao islamismo: mongóis e mouros na África do norte e Espanha.

A Espanha foi invadida pelos árabes (idade média, 711) que transferiram sua cultura, inclusive no gosto pelos jardins. Eles introduziram o

“Jardim da Sensibilidade”, onde predominavam em harmonia a água, cor e o perfume de flores.

Os jardins distinguiam-se pela ordenação e lógica de traçado. Os árabes transmitiram aos europeus os conhecimentos que haviam recebido de outras civilizações. Assim como nos pátios gregos eles também eram pavimentados, mas com a presença de arbustos e flores. O elemento água aparecia na forma de canais ou em fontes localizadas em pontos centrais do jardim.

JARDINS CONTEMPORÂNEOS (séculos XIX e XX)

Os jardins contemporâneos são influenciados por todas as tendências que se desenvolveram no passado, nos séculos XIX e XX não se criou nenhum estilo novo de jardim. Os jardins se caracterizavam por serem influenciados por estilos pré-existentes.

Os jardins contemporâneos expressam um estilo predominante, que pode ser definido por uma época, por um condicionante natural (clima, solo, vegetação), ou uma necessidade especial.

PAISAGISMO BRASILEIRO

A história do paisagismo brasileiro teve, então, início com a colonização portuguesa, que também não teve grande expressão na Europa como a Itália, a França e a Inglaterra. A colonização portuguesa, as invasões holandesa e francesa e, posteriormente, a vinda de vários povos, introduziu no Brasil vários estilos.

No Brasil colonial, na maioria das residências, a construção ocupava totalmente o terreno e não havia um estilo ou tendência paisagística marcante. As plantas utilizadas eram as medicinais, para alimentação e aromáticas; nos mosteiros e conventos, eram cultivadas plantas para ornamentação das igrejas e, ainda, plantavam-se aleatoriamente árvores

visando amenizar o calor tropical.

O paisagismo brasileiro teve um impulso com a chegada de Dom João VI e da família real portuguesa no Brasil. Em 1807 foi criado o Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, que constituía um horto para aclimatação de plantas. O Jardim Botânico foi transformado em Horto Real e neste local muitas espécies ornamentais exóticas foram introduzidas.

Durante o período do Brasil imperial muitos paisagistas europeus trabalharam na cidade do Rio de Janeiro, e imprimiram o seu estilo. O exemplo do Rio de Janeiro influenciou outros estados.

A Europa sempre fora considerada um modelo de civilização e desenvolvimento, assim sempre serviu de modelo para os jardins nacionais. Tal fato foi acentuado com os fluxos de imigrantes que se estabeleceram, trouxeram plantas e implantaram aqui seus estilos de jardim.

No século XX o grande marco do paisagismo brasileiro foi devido ao trabalho de Roberto Burle Marx.

Em 1934 registra-se o início do trabalho de Burle Marx, em Recife, onde projetou e executou os primeiros jardins públicos com plantas que ocorriam na caatinga e na flora amazônica.

A utilização de plantas nativas nas composições paisagísticas formou um registro na linha projetual de Burle Marx. Ele coletava diversas plantas em diferentes regiões brasileiras, e as valorizou, utilizando-as em seus projetos.

Burle Marx utilizou em seus projetos traçados sinuosos e livres, ele admirava as formas orgânicas e os volumes nas suas composições. Faleceu em 1994, aos 84 anos e deixou inúmeros jardins projetados no Brasil e no exterior. Trabalhou nos EUA, Chile, Argentina, Venezuela, Uruguai, Equador, Paraguai, Porto Rico e França. O local onde residiu e colecionava as plantas provenientes de suas expedições foi doado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional pelo próprio Burle Marx em 1985, com a intenção de preservar as suas experiências botânicas e transmitir o legado da arte de fazer jardins.

